

A black and white close-up photograph of Pope John XXIII. He is looking down and slightly to the left with a gentle smile. He is holding a white zucchetto (skullcap) in his right hand, which is visible on the left side of the frame. He is wearing a white clerical collar and a chain of the Order of the Holy Sepulchre is visible around his neck.

UM PEREGRINO ENTRE PEREGRINOS

Encontros entre Portugal e a Santa Sé

1967-2017

UM PEREGRINO ENTRE PEREGRINOS

Encontros entre Portugal e a Santa Sé

1967-2017

Museu da Presidência da República, maio 2017

O PAPA FRANCISCO

ADRIANO MOREIRA

Presidente do Instituto de Altos Estudos da Academia das Ciências de Lisboa
Professor Emérito da Universidade Técnica de Lisboa

O século XX, objecto de duas guerras mundiais, por duas vezes tentou organizar juridicamente uma nova ordem, que impedisse a repetição das catástrofes vividas. Os textos de ambas, a SDN (Sociedade das Nações) e a ONU (Organização das Nações Unidas), foram escritos exclusivamente por ocidentais, e a segunda, documentando o fim do colonialismo, permitiu sempre cada passo acompanhado por combates militares, que todas as áreas culturais do mundo falassem, pela primeira vez na história, em liberdade, sobre os seus valores. Os factos, que são resistentes às perspectivas normativas inumeradas, levaram rapidamente a suspender a eficácia da Carta da ONU e da sua Declaração de Direitos do Homem, pela Ordem dos Pactos Militares, a NATO Ocidental e o Pacto de Varsóvia do Leste, que dividiu a Europa em duas até à queda do Muro de Berlim em 1989. Quando hoje lemos o livro de Svetlana Aleksievitch, prémio Nobel, sobre *O Fim do Homem Soviético*, publicado em Portugal em 2015, percebemos que o nível do horror da guerra de 1939-1945 era desafiado pela tragédia daquele regime. Estes factos ajudam a valorar a circunstância de, desde a fundação da ONU, por cinco vezes um Papa ter sido chamado a falar na sede da ONU; o que, em relação a cada uma delas, não consente ignorar a circunstância da experiência de vida de cada um. O primeiro foi Paulo VI (4 de Outubro de 1965), que levou consigo as inquietações de João XXIII, expressas na abertura do Concílio Vaticano II, ao declarar querer «indagar ampla e profundamente as condições modernas da fé e da prática religiosa, e de modo

O Papa Paulo VI, na base aérea
de Monte Real, por ocasião
da visita oficial a Portugal.
13 de maio de 1967
Museu da Presidência da República



especial da vitalidade cristã e católica». A grande mensagem de Paulo VI, para o globalismo de que se começava a tomar geral consciência, foi que «o desenvolvimento sustentado» seria o novo nome da paz. Os factos ignoraram a reunião, e o Papa João Paulo II, que viveu na sua Polónia, talvez a Nação pior estacionada na Europa, os atentados aos direitos fundamentais e dignidade humana pelos regimes nazi e soviético, fez da sua luta contra o que seria chamado uma «cultura de morte», uma missão que levaria ao reconhecimento da sua santidade, sofrendo em Fátima (12 de Maio de 1982) um atentado à vida de que sempre entendeu que ele teria sido salvo, como no que sofrera em Roma, por Nossa Senhora. A sua expressão «não tenhais medo», ficou como um apoio à necessária coragem de revisão da ação cristã. Foi essa atitude que orientou o Papa Emérito Bento XVI ao lembrar que «a justa ordem da sociedade e do Estado é dever central da política. Um Estado que não se regesse segundo a justiça reduzir-se-ia a um grande bando de

ladrões, como disse Agostinho uma vez». A situação real do mundo, e a necessidade de intervir no funcionamento da Cúria, excederam as suas forças, mas não o exemplo, e por isso renunciando. Assim surge o Papa Francisco (13 de Março de 2013) que, palavras suas, os Cardeais foram buscar ao fim do mundo. Enfrentando com coragem (não tenham medo) os discursos que aconselham a reler Lutero. Sobretudo, experiente da martirizada América Latina, não precisou de atualizar-se para enfrentar o movimento que procura dar razão à previsão e voto de Renan (1848) no sentido de que «Il n'y aura plus de budget des cultes, il y aura budget de la science, budget des arts». Nem ignorar o movimento de «Cristo em evolução», sumarizado por Iliá Delio (Madrid, 2014), segundo o qual haverá «uma renovação da cristologia, possibilitando que o mistério de Cristo já não possa ser ultrapassado pela magnitude temporal e especial do universo». A distinção entre o Cristo histórico e o Cristo da fé, em que tanto tem insistido o notável Carreira das



O Papa João Paulo II, à chegada ao Aeroporto Internacional de Lisboa, por ocasião da visita oficial a Portugal.

12 de maio de 1982

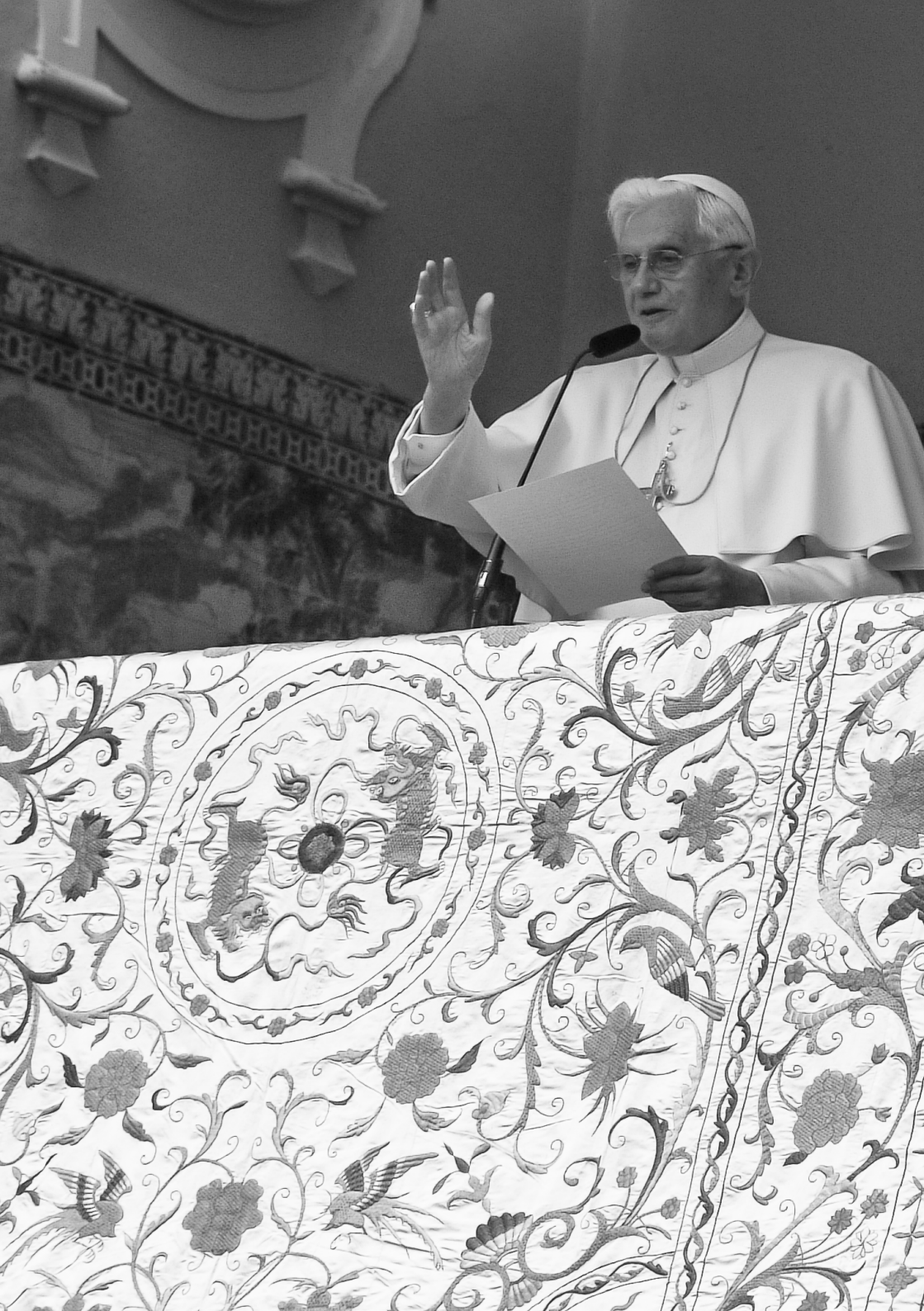
Arquivo Fotográfico Municipal de Lisboa

Neves, apoia-lhe a Revolução em curso desencadeada pelo seu exemplo e autoridade nas relações com judeus, islâmicos, agnósticos, ateus, isto é, com o pluralismo sonhado pela ONU. Tudo porque, «em primeiro lugar há que dar primazia à pessoa». A sua conversa íntima com São Francisco deve ser intensa. E a fé o traz a Fátima, um dos mais importantes centros mundiais de apelo à comunhão nos valores, não apenas religiosos, mas mobilizadores da ação de toda a comunidade que os partilha, no sentido de que o conjunto de ameaças que enfrentam o «mundo único», e a «terra morada comum dos homens» deixem de ser o sonho frustrado da organização mundial, para serem premissas da substituição dos confrontos militares destruidores pelo diálogo que leva aos consensos, da simples tolerância afrontosa das diferentes etnias, culturais, e religiosas, pelo respeito mútuo, pelo reconhecimento de que a igual dignidade de todos os homens é sempre a de cada um ser um acontecimento único na história da humanidade. Uma esperança que explica, e fortifica o número de vezes que a ONU quis ouvir a opinião do Bispo de Roma, que, desta vez, foram buscar ao «fim do mundo».

O Papa Bento XVI na varanda do Palácio de Belém, por ocasião da visita oficial a Portugal.

11 a 14 de maio de 2010

Créditos Fotográficos - Pedro Matias
Museu da Presidência da República





O Papa Francisco na companhia do Presidente Marcelo Rebelo de Sousa,
por ocasião da visita de Estado ao Vaticano.

17 de março de 2016

Créditos Fotográficos - Miguel A. Lopes/LUSA



O PAPA FRANCISCO NÃO É UM OVNI

JOSÉ TOLENTINO MENDONÇA

Teólogo, membro do Centro de Investigação em Teologia e Estudos de Religião – Citer

Uma das linhas mais persistentes de interpretação do Papa Francisco, à direita ou à esquerda, fora ou dentro do espaço católico, insiste em construir, a seu propósito, uma espécie de teoria da excecionalidade, que parecendo que o destaca apenas o isola e captura numa hermenêutica elementar e inconsequente. Tanto a larguíssima maioria que o escuta, como quem mantém as mediatizadas *dubia* em relação à pessoa e ao programa daquele que hoje legitimamente se senta no sólio de Pedro, anotam sobretudo o que o distingue: o que o distingue na evidente pulsão reformista que transporta; o que o distingue na ousadia de trazer o que é periférico até ao centro (veja-se o recorrente mandato de Bergoglio quanto à urgente necessidade de atender-se às periferias humanas e existenciais); o que o distingue na despojadíssima linguagem simbólica que adota, sendo ele o representante máximo de uma instituição onde a ritualização do poder se expressa pela acumulação simbólica. Mesmo a narrativa dos meios de comunicação social é isso que explora, interpretando-o como uma voz completamente singular, como um grande e solitário líder carismático, como um dos poucos atores da cena mundial que surpreende positivamente pela palavra e pelos gestos. À primeira vista, a «teoria da excecionalidade» tem tudo para funcionar e ainda hoje o grande enigma é como um conclave de velhos cardeais, num momento tão grave como o da renúncia de Bento XVI, teve a liberdade e o risco de apostar num perfil como o de Bergoglio. A locução inicial de Francisco como Papa, as suas primeiríssimas declarações, caminhando aparentemente nesse sentido pedem, no entanto, para ser lidas com outro alcance: «Vós sabeis que o dever do Conclave era dar um Bispo a Roma. Parece que os meus irmãos Cardeais tenham ido buscá-lo quase ao fim do mundo...»

O Papa Francisco na companhia do Presidente Marcelo Rebelo de Sousa, junto da pintura de Pietro Perugino, *Ressurreição de Cristo* (cerca 1499).

Vaticano, 17 de março de 2016

Créditos fotográficos – Miguel A. Lopes / LUSA



De que confins (ou quase confins) estaria o Papa a falar? Em que *finis terrae* os cardeais se implicaram? É um daqueles casos em que a resposta geográfica é menos importante do que a topografia filosófica, teológica, crente, política ou mental. Bergoglio não é Bergoglio por ter nascido na Calle Varela, 268, do bairro de Flores, na capital argentina, por muito que isso tenha o seu peso. Bergoglio é Bergoglio por ter emergido na cultura eclesial do Concílio Vaticano II (1962-1965) e na receção inovadora que o Concílio teve nas Igrejas da América Latina (uma receção mais global, consequente e comprometida do que na Europa, por exemplo). Bergoglio é Bergoglio pelo modo como os jesuítas realinharam a sua missão em consonância com o espírito conciliar e apontaram o subcontinente americano como um laboratório criativo e ativo, com todas as tensões e desafios associados. Bergoglio é Bergoglio porque os episcopados da América Latina (CELAM) decidiram fazer da sua vizinhança uma causa comum, publicando alguns dos documentos mais marcantes da Igreja contemporânea (Medellin, Puebla, Santo Domingo, Aparecida), onde a Igreja deixa de autorrepresentar-se como uma fortaleza, mas como casa aberta a todos e a temática dos pobres e vulneráveis surge como ponto prioritário e inalienável. Os cardeais foram buscar Bergoglio aí, de uma forma absolutamente consciente.

O pior que pode acontecer é olhar para o Papa Francisco como um Ovni. Não é. Nem o é, por exemplo, o fundamental do seu discurso que, se o escutarmos com atenção, tem três alicerces que o estruturam: a identidade, a comunidade e a universalidade. Ora esses têm sido, e não por acaso, os temas maiores da filosofia europeia, desde que a derrocada do comunismo se tornou óbvia e se iniciou também uma revisão crítica do individualismo neoliberal. É tentador desenhar Francisco como a grande alma do Ocidente ou um cavaleiro solitário do espírito e do humanitarismo, mas isso, se for só isso, não deixa de diminuí-lo e comprometer o seu impacto. Francisco é mais do que isso. Claro que para compreendê-lo é essencial ler os Evangelhos ou contactar com a poética radical de Francisco de Assis. Mas não se entende Francisco sem o conceito de biopolítica de Foucault, e da sua denúncia de que, no neoliberalismo, a liberdade produz-se negando-se; sem o retrato da vida nua perante a arbitrariedade dos poderes soberanos de que fala Giorgio Agamben; sem a dialética *communitas/immunitas* que os escritos de Roberto Esposito iluminam, onde a imunidade surge como o fechamento numa identidade da qual se exclui os outros, organizando em torno a ela os múltiplos cordões imunitários que conhecemos; sem o desejo de comunidade de que fala Zygmunt Bauman numa modernidade que tende a liquidificar todas as identidades. Os quatro mandamentos do Papa incluídos na *Evangelii Gaudium*, “Não a uma economia da exclusão”, “Não a um dinheiro que governa em vez de servir”, “Não à nova idolatria do dinheiro”, “Não à iniquidade que gera

a violência” avizinham-nos daquilo para o qual o sociólogo Michael Burawoy alerta: quando o mercado é imposto como única solução para todos os problemas humanos, denunciar a ditadura do mercado torna-se a condição necessária para afirmar um caminho de esperança. O Papa não fala sozinho e isso reforça e torna ainda mais urgentemente necessária a sua voz.

O PAPA DO EXEMPLO

DANIEL OLIVEIRA

Jornalista

Não há discurso profético sem o exemplo. E o anúncio do exemplo começou logo na escolha do nome «Francisco», apesar de Jorge Bergoglio ser um jesuíta. Prometia a devolução da Igreja aos pobres. E continuou com a dispensa de mordomias e luxos, do fausto do poder incompatível com a mensagem cristã. Não deixa de ser interessante que, não sendo a Igreja Católica uma instituição democrática (nenhuma igreja o é), o Papa tenha percebido que a adesão popular à sua liderança era indispensável para reformar e purificar a Igreja. De tal forma que, num tempo de desconfiança nas instituições democráticas, ele consegue concentrar em si a simpatia que falta aos líderes políticos. Fosse Bergoglio um verdadeiro político e poderia ser acusado de «populismo», como está na moda escrever-se. E será, se isso apenas implicar responder, como é suposto a Igreja fazer, ao sofrimento dos mais pobres e abandonados. Não apenas através do trabalho social, mas através de gestos, imagens, símbolos.

O Papa Bento XVI assinalou a crise da Igreja no Ocidente como um dos principais desafios do seu pontificado. Ele foi curto, mas a sua interrupção em vida, por decisão do próprio, foi um sinal de uma mudança radical no Vaticano. A crise de fé no Ocidente tem razões profundas – culturais, sociais, económicas e políticas. Mas a verdade é que, enquanto as igrejas tradicionais perdem fiéis, grupos religiosos mais direcionados à autoajuda individual ou culturalmente mais distantes de nós parecem não só resistir como crescer. Esta crise corresponde a uma mais geral, das instituições: do Estado, dos partidos, da ciência, da comunicação social, das igrejas. No seu lugar, cresce o cinismo, a descrença generalizada e o individualismo. Compreendendo que além da mensagem teológica tem de transmitir um exemplo, o Papa Francisco tenta restaurar a confiança na Igreja. No caso, o exemplo da pobreza que ela enaltece. E que, num tempo de lideranças carismáticas, só o Papa, enquanto líder institucional mas também mediático, pode transmitir com eficácia. E que o poder da Igreja, em tempos de descrença e desalento, depende da adesão de crentes e não crentes, praticantes e não praticantes, a essa mensagem.

Num tempo em que aumentam as desigualdades e que os povos das democracias ocidentais se sentem cada vez mais privados da sua capacidade de mudar o rumo da história, este pontificado está a mudar



Medalha de bronze do Papa Francisco com a mensagem «Procura aquilo que une».
Oferecida ao Presidente Marcelo Rebelo de Sousa, por ocasião da visita de Estado ao Vaticano.

Bronze

Daniela Fusco

17 de março de 2016

Museu da Presidência da República

o foco da Igreja. Nos assuntos chamados de «costumes», que concentravam as atenções de papas anteriores, até se sentem pequenas mudanças. Mas elas serão inevitavelmente tímidas e muito distantes da evolução que se fez na sociedade. O Papa Francisco não as abandonou. Mas dedica muitíssimo mais atenção aos problemas sociais, reforçando a mensagem de tolerância, de solidariedade e combate pelos pobres, que marca a natureza singular e revolucionária do cristianismo em relação a outras religiões. Esta tensão existe há muito na Igreja. Ela manifesta-se mais nas prioridades do que em discordâncias. E a ela está associada a outra clivagem: entre uma Igreja de poder e uma Igreja de excluídos. Jorge Bergoglio quer falar mais dos homens do que dos anjos, mais para o mundo, como pede a mensagem cristã, do que apenas para a Igreja. E a sua mensagem política é radical, como é sempre a mensagem profética. Numa história carregada de contradições, o Papa Francisco escolheu, nas muitas igrejas que há na Igreja, a Igreja libertadora à Igreja castigadora, a Igreja dos pobres à Igreja do poder.

Quando o Papa Francisco escolhe viver num pequeno apartamento, afasta-se simbolicamente dos grandes senhores do mundo e do aparato que associa a exibição da riqueza à exibição de poder. Quando, sem aviso nem proteção, visitou um bairro degradado de Roma, onde viviam imigrantes e miseráveis, aproximou-se dos excluídos do mundo no momento em que eles sofriam um ataque xenófobo. E regressou assim à mensagem primeira do cristianismo que o seu nome, «Francisco», desde logo sublinhou. Ao conservadorismo do poder e do dinheiro, mais disponível para apontar o dedo ao desvio e ao pecado do que para oferecer a mão ao abandono, Francisco contrapôs, ou sobrepôs, ou interpôs, a «teologia do povo». E o povo que Francisco abraça antes de todos os outros é o povo que quase todos ignoram: os do fundo do fundo. O povo do fim da linha a quem a mensagem de Cristo sempre se dirigiu. E junto do qual muitas vezes só encontramos, além de algumas franjas políticas, a Igreja. Este é, sem qualquer dúvida, o seu Papa. A quem oferece o seu exemplo de despojamento e coragem.

Mas o exemplo do Papa Francisco não é apenas uma mensagem para fora da Igreja. É, antes de tudo, uma mensagem para dentro. Um enorme desafio pelo exemplo. Mas o único que pode dar à Igreja Católica uma nova autoridade moral. Para ser, junto de crentes e de não crentes, a Igreja dos pobres. E eu, não crente desde sempre e dificilmente convertível, deposito imensa esperança na «Igreja do exemplo» que este Papa nos promete. Sei que não sou o único. E sei que uma igreja que se quer universal não se dirige apenas aos seus.

EPÍLOGO

PORTUGAL E A SANTA SÉ, UMA RELAÇÃO NO TEMPO, NA CULTURA E NAS IDENTIDADES

PAULO MENDES PINTO

Coordenador da área de Ciência das Religiões da Universidade Lusófona

No sentido que epistemologicamente damos a um axioma, a importância das relações entre Portugal e o papado não carece de demonstração, dada a clara importância que a História nos revela num quase contínuo de significados para ambas as partes.

É inquestionável o peso que os Sumo Pontífices tiveram na História de Portugal, desde logo no mais distante momento, o primeiro, quase genesiaco, através, quer da possibilidade de autonomia como reino com a bula *Manifestis Probatum*, do Papa Alexandre III em 1179, quer da proximidade a algumas ordens religiosas directamente dependentes de Roma que consolidaram o povoamento e a chamada Reconquista.

Mas muito mais poderia ser elencado de significativo. Os caminhos da História não poderiam ser muito mais intrincados quando a dimensão institucional se cruza com as identidades religiosas. E a força, na memória e no sentir, das relações entre Portugal e a Santa Sé existe exactamente no campo de uma construção que reúne memória histórica, sentimento e identidade religiosa, e ideário nacional.

Ao olhar para os momentos, para os marcos, comumente mais tidos como significativos na memória colectiva, sejam eles na Idade Média, na Modernidade, ou até na Contemporaneidade, o papado, o Vaticano, ou a Santa Sé surgem como centrais nessas definições que foram construindo o lugar no mundo e o olhar que para ele se moldou.

Obviamente, e dentro das definições religiosas, culturais e de poder que ao longo de quase um milénio se foram construindo e alterando, desde uma fase crucial na construção do que se chamou «cristandade», com uma gestão política fortíssima do papado no quadro dos reinos europeus, até ao mundo posterior à Revolução Francesa, com o advento de uma nova sociedade, quer na sua definição do Estado e da cidadania, quer até no desenvolvimento da diversidade religiosa e na diversificação cultural, muitos são os pontos de contacto, uns mais vistosos que outros nesse subjectivo campo da construção da memória colectiva.

O que de significativo interessa, no momento em que mais um Papa se desloca a território português, é perceber que as dimensões em jogo não são apenas as de uma comum visita de um Chefe de Estado. É essa a sua definição enquanto elemento do protocolo das relações internacionais. Mas um Papa é mais além disso. Muito mais, mesmo.

Se a sua dimensão política o apresenta como dignitário máximo de um território independente, o Papa é também a cabeça de uma religião que marcou toda a História nacional, tocando profundamente nas crenças de grande parte dos cidadãos portugueses.

Mesmo na História mais recente, no século XX, fruto dos momentos políticos muito específicos da I República e do Estado Novo, o papado foi peça importante no xadrez político nacional, em virtude de o ser, já antes, nas definições mentais e culturais. Se o regime nascido em 1910 terminava com um já franco desanuviamento das tensões com a Igreja Católica e, mais concretamente, com o Vaticano, o Estado Novo reformulava e recriava a relação a nível internacional, com uma Concordata em 1940 e com o Acordo Missionário.

Longe de a transição para a Democracia ter trazido um novo agastamento com a Santa Sé, fruto de uma habilidade e sensibilidade, de ambas as partes, que nunca é demais enaltecer, após a revolução dos cravos, Portugal manteria uma salutar relação com os Sumo Pontífices, espelhada nas várias visitas de governantes e Chefes do Estado a Roma, assim como no caloroso acolhimento que todos os Papas posteriores tiveram nas suas visitas a Portugal.

Hoje, num quadro de diversidade religiosa inquestionável que é uma das nossas riquezas, e com um enquadramento de sólida liberdade religiosa, as relações entre Portugal e a Santa Sé pautam-se por um respeito sereno que resulta desta longa História em que as identidades se foram construindo.

Portugal é hoje um país inequivocamente laico, com uma sociedade fortemente secularizada, mas com uma liberdade religiosa que permite, sem fantasmas de atropelos à separação entre o Estado e as religiões, reconhecer o peso social e cultural de um fenómeno como o de Fátima.

CRONOGRAFIA PRINCIPAIS VISITAS EFECTUADAS E RECEBIDAS ENTRE 1967 E 2007

1967

(13 de Maio)

Visita a Portugal do Papa Paulo VI, por ocasião das comemorações do Cinquentenário do Santuário de Fátima.

1975

(22 a 23 de Outubro)

Visita particular à Santa Sé do Presidente da República, Francisco da Costa Gomes.

1977

(10 de Julho)

O Papa João Paulo I esteve em Portugal como patriarca de Veneza, passando por Fátima e encontrando-se com a Irmã Lúcia.

1980

(16 de Maio)

Visita à Santa Sé do Presidente da República, António Ramalho Eanes.

1982

(12 a 15 de Maio)

Visita a Portugal do Papa João Paulo II, por ocasião do aniversário do atentado contra a sua vida em 1981, na Praça de São Pedro, em Roma. Karol Wojtyla vem a Fátima para «agradecer à Divina Providência neste lugar que a mãe de Deus parece ter escolhido de modo tão particular». Passou ainda por Lisboa, Vila Viçosa, Coimbra, Braga e Porto.

1983

(2 de março)

Escala em Lisboa do Papa João Paulo II, na viagem que efectuou à América Central.

1990

(27 de Abril)

Visita à Santa Sé do Presidente da República, Mário Soares.

1991

(10 e 13 de Maio)

Visita a Portugal do Papa João Paulo II (contemplou viagem aos Açores e Madeira).

2000

(12 e 13 de Maio)

Visita a Portugal do Papa João Paulo II, para a beatificação dos pastorinhos Jacinta e Francisco.

2004

(12 de Novembro)

Visita à Santa Sé do Presidente da República, Jorge Sampaio.

2005

(8 de Abril)

Visita à Santa Sé do Presidente da República, Jorge Sampaio.

2008

(28 de Junho)

Visita à Santa Sé do Presidente da República, Aníbal Cavaco Silva.

2010

(11 a 14 de Maio)

Visita a Portugal do Papa Bento XVI. A 12 de Maio, o Sumo Pontífice entregou a segunda Rosa de Ouro ao Santuário, sendo esta a primeira vez que um Papa teve este gesto, pessoalmente, em território português.

2013

(19 de Março)

Participação do Presidente da República, Aníbal Cavaco Silva, e do Ministro de Estado e dos Negócios Estrangeiros, Rui Machete, na Missa de Entronização do Pontificado do Papa Francisco I.

2016

(17 de Março)

Visita à Santa Sé do Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa.

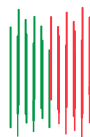
Agradecimentos

Adriano Moreira
Agência Ecclesia
Álvaro Siza Vieira
Anabela Monteiro
André Melícias
Daniel Oliveira
Fundação Mário Soares
José Fontes
José Tolentino de Mendonça
LUSA - Agência de Noticias de Portugal, S.A.
Marco Daniel Duarte
Nuno Higinio Pereira da Cunha
Paulo Mendes Pinto
Santuário de Fátima - Serviço de Estudos e Difusão

Mecenato



Organização



Museu da
Presidência
da República